identificou-se com os vários objetos perdidos, a ponto dele mesmo se perder. Dos estados de luto, o seu quadro evoluiu para uma melancolia: algo nesta paciente não termina por definir-se, algo falta onde deveria estar; a libido foi retirada do ego porque a perda do objeto amado transformou-se na perda do eu. Na melancolia também há um estado de espírito penoso, choro, lamento, perda de interesse pelo mundo externo, igual ao luto, porém, nesta, há uma perturbação da autoestima e empobrecimento do ego. Esta paciente, apresenta humor deprimido crônico, inibição de atividades prazerosas e auto recriminações por culpa pelas mortes não evitadas. Na sua história de vida vemos um destino que a impossibilita de fazer projetos de vida, pois está sempre se defendendo desta sequência de lutos. O componente destrutivo se instala e predomina ideias de morte. Isto explicaria, ao mesmo tempo, sua baixa resposta ao tratamento farmacológico, bem como a presença de ideias suicidas, junto com o fator genético de predisposição ao suicídio. Cabe ainda ressaltar que a paciente por ter baixo suporte social, é identificada como fator de risco para o luto patológico ou melancolia, assim como padrão disfuncional de enfrentamento de crises e conflitos graves[5]. O teste de realidade revela que o objeto amado não existe mais, exigindo que toda libido seja retirada dele. Essa exigência provoca uma oposição, pois as pessoas nunca abandonam facilmente uma posição libidinal. Esta oposição pode ser tão intensa que dá lugar a um desvio da realidade e a um apego ao objeto por intermédio de uma psicose alucinatória[2]. **Conclusão**: com o presente relato, conclui-se que os fatores psicodinâmicos desempenham papel importante no desenvolvimento e curso dos transtornos depressivos, incluindo-se o luto e a melancolia. A paciente do caso, mesmo após otimizado o manejo farmacológico não apresentou melhora efetiva e esperada dos sintomas, o que só reforça a importância da compreensão psicodinâmica para o médico.

Burnout na Formação Médica: Custo da Empatia?

Cristina Plentz Pessi, Daniel Spritzer, Grasiela Marcon, Daniel Arenas, Ana Margareth Bassols, Charlie Trelles Severo, Diego Rebouças, Fernando Ledjerman, Gabriela Monteiro, Idete Bizzi, Júlia Frozi., Luísa Bisol, Marco Aurélio Olendzki, Melina Canterji, Patrícia Lago, Pedro Victor De Lima Nascimento Santos, Tamires M Bastos, Vanessa Volkmer, Cláudio Laks Eizirik, Simone Hauck

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria e Ciências do Comportamento /UFRGS /HCPA e CELG/ Centro de Estudos Luiz Guedes

São crescentes as evidências sobre a morbidade associada à formação médica. Risco aumentado para doença psiquiátrica e, certamente, prejuízo ao bem estar e vida pessoal, ainda pouco estudados, estão presentes desde a preparação para o vestibular. Um dos focos desses estudos é a síndrome de *Burnout*. Atualmente,

o crescente número de suicídios relatados no meio universitário pela mídia trouxe ainda mais essa questão como algo a ser estudado e repensado. Na carreira acadêmica, esse risco parece aumentar ao longo do tempo, chegando a 6x o risco da população geral no doutorado. A crença de que é possível e necessário corresponder a qualquer na demanda profissional, o "orgulho" de sobreviver ao rigor da formação tipo 'seleção natural, o estigma ao pedir ajuda, a valorização ao aumento da pressão e das horas trabalhadas' como significando de sucesso e melhores resultados, precisam ser urgentemente repensados. Médicos são modelos, e é fundamental o desenvolvimento de estudos e projetos que possam auxiliar no entendimento desse processo, viabilizando ações e mudanças embasadas no aprofundamento da compreensão da trajetória dos médicos. Acreditamos que um dos fatores importantes dentro desse processo é a empatia. Desde a sua definição, ainda há muito para compreender sobre como ela interage com outros fatores na qualidade do trabalho com os pacientes e no impacto deste sobre o profissional. Ao dialogar com outras disciplinas e cenários, a compreensão psicanalítica parece fundamental, tendo muito a contribuir ao sair dos muros dos consultórios e institutos de formação, auxiliando os profissionais da saúde a lidar com seus pacientes e sentimentos por eles despertados, assim como com as motivações que os levam a escolha e dedicação a carreira.

Perfil Psiquiátrico de Gestantes usuárias de crack internadas em

César Antônio Caldart, Felix Henrique Paim Kessler, André Kracker Imthon, Malu Joyce de Amorim Macedo, Monise Costanzi, Mauro Barbosa Terra

Instituição: Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Objetivo: Avaliar o perfil psiquiátrico de gestantes usuárias de crack em internação psiquiátrica pública de referência no tratamento de gestantes dependentes de substâncias psicoativas na cidade de Porto Alegre- RS. **Metodologia:** Foram incluídas gestantes usuárias de crack encaminhadas para desintoxicação em internação psiquiátrica no Hospital Materno Infantil Presidente Vargas. Foram aplicados os seguintes instrumentos: Sexta Versão da Escala de Gravidade de Dependência (ASI-6), em sua versão light; Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI) para avaliação das principais comorbidades psiquiátricas; Entrevista Clínica Semiestruturada – SCID-II para avaliação de transtornos da personalidade do grupo B e um questionário sobre informações clínicas e obstétricas. **Resultados:** Foram entrevistadas sete gestantes usuárias de crack. Todas referiram um baixo nível de fissura, quatro disseram que a gestação foi indesejada, mas seis desejavam ficar com o bebê. Cinco haviam se prostituído e quatro tinham mantido relações sexuais sem proteção em troca de drogas. Nos últimos 30 dias antes da internação, uma gestante tinha usado crack todos os dias, três utilizaram a droga